

Adriana Ponzone*

Paixão de descobridor(es): *Uma passagem para a Índia.* Visita a um mundo (não tão) distante.

Como dar um testemunho o mais próximo possível da experiência vivida na Índia e, além disso, como se isso não fosse suficiente, acrescentar a tocante realidade compartilhada naquele lugar com colegas analistas indianos trabalhando e intercambiando nossas distantes realidades, ou melhor dizendo, mais próximas do que se poderia imaginar?

Importava-me e me importa muito, além da transmissão de tal experiência singular, trabalhar o lugar a partir do qual deveria fazê-la. Em *Passagem para a Índia*, filme dirigido por David Lean em 1984, encontrei chaves interessantes para esses objetivos, da mesma forma na correspondência iniciada em 1921 entre Dr. Girindrashekar Bose e Sigmund Freud. O filme de Lean me levou ao livro de Edgar M. Forster, *A passage to India* (1924/1994), no qual se baseia e do qual toma emprestado o nome.

Um artigo do jornal *The Guardian*, de 20 de junho de 1924, recolhe das próprias palavras do escritor sobre o personagem da senhora Queded¹ o seguinte: que “ele já não tenta examinar [apreciar ou interrogar] a vida, mas sim ser examinado [apreciado ou interrogado] por ela”² (Arnold, 20 de junho de 1924, par. 1).

* Asociación Psicoanalítica del Uruguay.

1. *Quest* em inglês significa “busca”, “missão”, “expedição”.

2. “He is ‘no longer examining life, but being examined by it’”.

Esta frase, me parece, introduz uma boa chave de aproximação a partir da qual podemos ler o livro, ver o filme e nos aproximarmos da Índia e da psicanálise que vem sendo gestada ali, há mais de cem anos. Além disso, parece-me uma boa chave para o momento da experiência analítica e dos intercâmbios entre colegas sobre estas experiências. Finalmente, também no momento dos intercâmbios, não menos apaixonados, entre as instituições que albergam e sustentam a psicanálise em cada cidade, país ou região.

Assim, pela mão de Lean, depois de Forster, chego a Walt Whitman (1819-1892) e a seu poema “Passage to India”, que foi incluído entre 1871 e 1872 na quinta edição do seu livro de poesias *Folhas de relva* (Whitman, 1855/1983). Forster então se inspira nesse poema (e em seu existir, que em parte transcorreu na Índia) e toma emprestado seu nome para o título de sua novela.

Considerado um humanista³, Whitman foi um escritor polêmico e discutido em seu tempo, especialmente a partir de *Folhas de relva*, que foi considerado um texto obscuro.

Segundo Rolando Costa Picazo (2008):

O poema de Whitman foi ocasionado por três acontecimentos: a finalização do canal de Suez, que conectava a Europa e a Ásia por água; a conclusão da estrada de ferro Union Pacific, que unia o leste dos Estados Unidos com o oeste; e o cabo telegráfico transatlântico, que reduzia o tempo de comunicação entre a América e a Europa. (p. 120)

Ocorre então um salto histórico-epistêmico dos progressos da tecnologia e dos meios de transporte, ou seja, a partir da ciência à poesia, à narrativa, ao cinema. Correspondências, transbordos, acessos, canais que falam de enlances, aberturas, contatos.

E assim chego, ou daí volto, à correspondência entre estes homens, o Dr. G. Bose e Freud (Indian Psychoanalytical Society, 1999).

Cartas de uma paixão transferencial – ou novela epistolar, poderíamos dizer – sobre a permanente construção de um psicanalista e da psicanálise, como tantas outras cartas que Freud nos deixou, com variados desfechos, mas que sempre contribuem e renovam, em sua singularidade, uma rica complexidade na releitura de sua obra.

Cartas que evocam outras correspondências, como as de Baudelaire ou Flaubert, nas quais assistimos também à construção de um escritor e sua obra.

3. “Quando Walt Whitman contemplava o panorama democrático da cultura, tentava enxergar além da diferença entre beleza e feiura, importância e trivialidade. Parecia-lhe servil ou esnobe fazer qualquer discriminação de valor, exceto as mais generosas”, nos lembra Susan Sontag em seu trabalho *Sobre a fotografia* (2017, p. 35). N. do T.: Tradução de R. Figueiredo. A tradução corresponde a Sontag, S. (2004) *Sobre a fotografia – Ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras. Recuperado em <https://es.scribd.com/document/269734664/Sobre-Fotografia-Susan-Sontag> (Trabalho original publicado em 1977)

A que chamado responde a interminável espreita solitária do leitor?

Pascal Quignard

G. Bose, então, é quem escreve a Freud a primeira carta – que se presume seja de começos de 1921, dado que Freud responde em 29 de maio desse ano –. Assim se inicia uma correspondência – segundo os registros disponíveis – que termina com a última carta de Freud, datada de 26 de dezembro de 1937. Um total de vinte e cinco cartas, vinte e quatro entre ambos e uma de Anna Freud ao Dr. Bose.

Bose, proveniente de uma família de classe média de Bengala, estudou medicina em Calcutá. Muito cedo se interessou (como Freud) pela hipnose, e depois pela psicologia, o que o levou a realizar um mestrado nessa disciplina.

A primeira carta que dirige a Freud é acompanhada por sua tese *Concept of repression [O conceito de repressão]*, publicada em Calcutá em 1921 e com a que obtém o título de Doutor em Ciências da Universidade de Calcutá. Desse modo se apresenta a Freud e pede sua opinião sobre sua tese.

No prefácio da tese, que se transformou em livro, (1921)⁴⁵, Bose tinha escrito:

Interessou-me a hipnose desde muito cedo e vinha praticando com fins terapêuticos, ainda quando era um estudante e por aproximadamente nove anos, antes de entrar em contato com a psicanálise em 1909. No final desse ano comecei a tratar pacientes com o método psicanalítico. A falta de conhecimento do idioma alemão tornou muito difícil meu trabalho e dependia principalmente de artigos de revistas e de referências incompletas como fontes de informação. Nesse momento não havia uma descrição sistemática da psicanálise em nenhum livro em inglês. Muitas verdades que encontrei nesse então, na análise de meus pacientes e que eu pensava originais, eram em realidade conhecimentos amplamente conhecidos, como pude descobrir mais tarde. Isso foi tanto um prazer como uma decepção para mim. (p. 5)

A decepção então de não ser “o primeiro homem”, mas o alívio de não estar sozinho, de não ter que atravessar a solidão que acompanha o pioneiro.

Freud responde esta primeira carta e um diálogo respeitoso se inicia, muito cuidadoso e expectante da resposta do outro. A curiosidade de um e de outro lado abre passagem imediatamente. Freud se surpreende por algumas de suas obras serem lidas na Índia.

Bose se declara fervoroso admirador de Freud e sua obra, e lhe pede uma foto:

Espero que possa perdoar meu atrevimento se lhe peço que me envie uma foto sua. Eu, minha família, meus amigos e um grupo importante de admiradores, há muito tempo, gostaríamos de ter uma foto sua. Até agora não vi sua

4. Nota do autor: a tradução ao espanhol dessa e das demais citações deste artigo são próprias.

5. N. do T: As traduções do espanhol para o português desta e das demais citações são traduções livres.

foto em livros ou jornais, caso contrário, não lhe pediria. Tal obséquio de sua parte seria muito valorizado. (Indian Psychoanalytical Society, 1999, p. 3; segunda carta que escreve Bose a Freud depois da resposta de Freud, em 1929)

Freud coloca em contato Bose e Jones para que Bose receba o *International Journal* e publique suas ideias, buscando que seus trabalhos se integrem às discussões do âmbito psicanalítico. Assim, Bose começa a imaginar, e a trabalhar para, a fundação de uma Associação Psicanalítica da Índia. Em janeiro de 1922, o projeto se concretiza e pedem admissão à Associação Psicanalítica Internacional, à qual se afiliam pouco tempo depois.

Enquanto isso, Bose continua esperando a foto de Freud e se desculpa por sua insistência.

Em uma das cartas comenta com Freud:

Um amigo meu, o Sr. J. Sen, um renomado artista da Índia e um fervoroso admirador seu, fez, usando sua imaginação, um desenho de com quem ele pensa que “o senhor deva se parecer”. (p. 6; carta de 26 de janeiro de 1929)

Freud lhe comenta: “O retrato imaginativo que me mandou é muito bonito, na verdade bonito demais para o sujeito que representa” (p. 8).

Bose já tinha escrito em seu prefácio que o encontro com a obra freudiana tinha tido para ele algo de prazer e de decepção ao mesmo tempo; ele também é um descobridor e quer ser reconhecido como tal. O interesse pela foto, por encontrar o olhar de Freud, fala de sua sensibilidade, de uma avidez de presença que reconhece e persegue até com certo *júbilo antecipatório*, poderíamos dizer, a imagem em espelho daquele a quem Leclair (1970) não duvidou em atribuir uma “verdadeira paixão de descobridor de enigmas” (p.31)⁶. Também fala de suas vacilações..., seu querer assimilar(-se)⁷ e aproximar(-se) de Freud, ao mesmo tempo que de sua inquietação em relação ao outro diferente, estrangeiro. O próprio da experiência analítica se escrevendo e se produzindo entre cartas: Quem é o outro? “O que quer ele de mim?” (Lacan, 1962-1963/2006a, p. 14).⁸

6. N. do T: Tradução de D. Checchinato e S. Almeida. A tradução corresponde a Leclair, S. (2007) *Psicanalizando*. (p. 30). São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1968).

7. “Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada”, escreve Susan Sontag (2017, p. 14). N.

do T: Tradução de R. Figueiredo. A tradução corresponde a Sontag, S. (2004) *Sobre a fotografia – Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras. Recuperado em <https://es.scribd.com/document/269734664/Sobre-Fotografia-Susan-Sontag> (Trabalho original publicado em 1977)

8. N. do T: Tradução de V. Ribeiro. A tradução corresponde a Lacan, J. (2005) *O seminário, livro 10: A angústia*. (p. 12). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963).

A busca do olhar

“Lamento incomodá-lo com esta longa carta; minha única desculpa é que quero que mais descobertas sejam testadas à luz de sua experiência única” (Indian Psychoanalytical Society, 1999, p 18; carta de 11 de abril de 1929). Algo do olhar(-se) e construir(-se) no olhar do outro, quando me olha e me deixa olhá-lo... em seus textos, em suas cartas, em suas fotos e nas visitas que nunca se concretizaram: “Estou velho demais para ir à Índia. Por que não fazemos o contrário, e vem o senhor à Europa?” (p. 8; carta de 1 de março de 1922).

Finalmente chega a ansiada foto junto com um parágrafo que o editor do livro de Bose lhe havia pedido para sua inclusão em uma próxima publicação. Freud lhe escreve: “Como meu inglês é muito deficiente, convido-o para que altere minhas expressões da maneira que o senhor entenda apropriada para seus propósitos” (p.7).

A seguir, escreve o esperado parágrafo:

Foi uma grande e grata surpresa que o primeiro livro sobre um assunto de psicanálise que nos chega desta parte do mundo [Índia] contenha um conhecimento tão completo da psicanálise e ideias originais tão profundas. O Dr. Bose enfocou sua obra no conceito da repressão e, em seu tratamento teórico deste assunto, nos proporcionou importantes sugestões e intensos motivos para seguir estudando. O Dr. Bose aponta a uma elaboração e evolução filosófica de nossos conceitos básicos, práticos, e só me resta desejar que a psicanálise possa alcançar o nível ao que ele a quer levar. (p. 7; carta de 20 de fevereiro de 1922)

Bose protesta, propõe que ele também fala a partir do empírico, a partir de sua experiência. A discussão se apaixona, se tensiona e por isso mesmo se abre e se sustenta. O intercâmbio de artigos e pontos de vista sobre os mesmos continua.

Mais adiante, em uma carta de 31 de janeiro de 1929, Bose lhe diz: “Gostaria que prestasse especial atenção a meu trabalho sobre o ‘Desejo Edípico’ [“Oedipus wish”], onde me aventurei a divergir do senhor em alguns aspectos” (p.14)

E Freud lhe responde:

O senhor me fez dirigir minha atenção especialmente sobre o desejo edípico e teve razão em fazê-lo. Provocou-me uma grande impressão. De fato, não estou convencido de seus argumentos. Sua teoria sobre o desejo oposto me parece que faz uma maior ênfase sobre o elemento formal do que sobre o fator dinâmico. Ainda penso que o senhor subestima a eficácia do temor à castração, é interessante notar que o único erro que eu pude encontrar em seus ensaios populares tem relação com os mesmos pontos [...]. Por outro lado, nunca neguei a conexão entre o desejo de castração e o desejo de ser mulher, nem a do temor à castração com o horror de se transformar em uma mulher. Em meu trabalho “A dissolução do complexo de Édipo”, tratei de introduzir uma possibilidade metapsicológica nova, a de destruir um complexo ao lhe extrair sua carga de catexia, além da outra ideia de reprimi-lo enquanto sua catexia se mantém sem diminuir.

Mas confesso que não estou, de nenhum modo, mais convencido da validade de minhas próprias suposições. Ainda não terminamos de entender este intrincado assunto do Édipo. Precisamos mais observações. (p. 16; carta de 9 de março de 1929, as itálicas são minhas)

Parece-me importante nos determos neste fragmento do intercâmbio, distante da convicção, como uma valiosa pérola a ser mantida viva para seguir avançando em nossa disciplina. E não apenas ao que se refere às discussões sobre pontos da teoria, mas também no que se refere à *técnica*. Esforço de estar mais próximo de uma fala menos categórica e mais aberta, que mantenha e represente o caráter precário da experiência analítica.

Correspondência que convida, então, a um intercâmbio respeitoso e pausado, mas problematizador, que não disfarça as discrepâncias ou diferenças nem as apaga, mas as põe a trabalhar.

Por sua vez, o que Bose responde a esta carta, falando sobre o “desejo edípico”, o “desejo de ser mulher”, o “temor à castração” e os “sintomas de castração” acrescenta elementos mais que interessantes para o debate atual sobre o lugar do Édipo em nossa teorização, mas excede o propósito do presente trabalho.

Traduzo:

Logicamente eu não espero que o senhor aceite rapidamente minha leitura da situação edípica. Eu não nego a importância da ameaça de castração nos casos europeus; meu argumento é de que a ameaça deve sua eficácia a sua conexão com o desejo de ser uma mulher. A verdadeira luta está entre o desejo de ser um homem e seu oposto, o desejo de ser uma mulher [the desire to be a male and its opposite the desire to be a female]. Já fiz referência a que a ameaça de castração é muito comum na sociedade indiana, mas meus pacientes indianos não exibem sintomas de castração no grau que o fazem meus pacientes europeus. O desejo de ser uma mulher é mais fácil de desenterrar em meus pacientes indianos homens que nos europeus. Neste sentido, gostaria de remetê-lo a meu trabalho sobre homossexualidade, onde discuto esta questão de forma mais detalhada.... (p. 17; carta de 11 de abril de 1929)

A resposta de Freud não demora em chegar:

Muito obrigado por suas explicações. Estou muito impressionado com a diferença na reação à castração entre os pacientes indianos e os europeus, e lhe prometo que me mantere concentrado sobre o problema do desejo oposto que o senhor acentua. Este último é muito importante para tomar uma decisão rápida, alegro-me por esperar outra publicação sua. Pergunto-me qual “poderia ser” a relação entre o desejo oposto e o fenômeno da ambivalência. (p. 19; carta de 12 de maio de 1929)

Continuam intercambiando ideias, e na carta de 11 de janeiro de 1933, há mais de dez anos de iniciada a correspondência, Freud lhe escreve:

Em relação à opinião que me pede, somente posso lhe dar minhas primeiras impressões, que não são de grande valor. *Necessita-se mais tempo e esforço para superar o sentimento de estranheza quando se é confrontado a uma teoria tão diferente à mantida até agora, e não é fácil sair das formas do pensar às que estamos acostumados [...]. Mas não estou pronto ainda para respaldar minhas próprias objeções; ainda estou confundido e indeciso.* (p. 24; as itálicas são minhas)

Fico com essas palavras de Freud, do tempo e do esforço para superar esta inquietante estranheza, mas também acrescentaria o estimulante que é sairmos do familiar para nos aproximarmos, não só a outros

olhares sobre conceitos teóricos de nossa disciplina, mas também do rico legado de lendas, mitos, religiões e filosofias que nos oferece a Índia.

Enquanto herdeiros de Freud sabemos como seu diálogo com a literatura, a filosofia, os mitos e as religiões lhe permitiu desenvolver suas ideias. Penso então que nos aproximarmos ao que a Índia tem para oferecer nesse sentido pode enriquecer a experiência analítica e desenvolver ainda mais seu campo.

Breve excursão à Índia

As primeiras obras da literatura indiana surgiram no chamado período védico 1500-200 a. C.). A essa etapa pertencem os Vedas, que são compilações de hinos sagrados – base do hinduísmo – e orações religiosas, previamente existentes como literatura oral. Durante o período clássico (200 a. C. a 1100 d. C.), com a língua sânscrita, surgiu uma literatura que adaptou as lendas védicas a novos gêneros de caráter não religioso. Entre eles sobressaem os Puranas, contos poéticos de estilo épico como o Mahabharata e o Ramayana. O Mahabharata se compõe de dezoito livros, com mais de 100.000 estrofes em versos e algumas passagens em prosa intercaladas. É o poema épico mais longo e a epopeia mais antiga do mundo, “em mero tamanho oito vezes mais longa que a Ilíada e a Odisseia juntas.” (Narayan, 2003, p. 3). Ainda hoje existem na Índia recitadores de longuíssimos fragmentos desta obra.

O Ramayana, organizado em sete livros e com uma extensão de 48.000 versos, é obra de um poeta anônimo do século III a.C., que narra as peripécias do príncipe Rama – sétima encarnação de Vishnú – para recuperar o trono usurpado por seu irmão e, ao mesmo tempo, resgatar sua esposa Sita.

Menção à parte merece o budismo como outra das grandes correntes filosóficas nascidas na Índia. Lembremos que Buda significa “despertar e iluminação”. Os indianos budistas expressam com orgulho que os ensinamentos de Buda têm se mantido ao longo dos séculos como um pestanejar de alerta constante frente à evolução, consumista e capitalista, da cultura do Ocidente⁹.

Como articular por sua vez estas ricas tradições, onde convergem a beleza literária, a épica, diferentes filosofias de vida, religiões – que abrangem do monoteísmo ao politeísmo, passando também pelo animismo –, com as práticas médicas milenárias? Convergência de territórios que nem sempre podem ser delimitados claramente, mas também não parece que exista muita inquietação por fazê-lo.

Como articular, então, essas ricas tradições com a psicanálise? A psicanálise escuta a dimensão espiritual do existir humano? Como a

9. Lacan toma o assunto de Buda no seminário 10, *A angústia* (1962-1963, 2006b, pp. 231-247). Em “*Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise*” (1966/2003) trabalha uma citação dos Upanishad (p. 310).

escuta hoje? Parece-me que poderia ser enriquecedor rever *O futuro de uma ilusão* (Freud, 1927/1992) e trabalhar algumas das propostas de J. Allouch (2007) a este respeito em seu diálogo com M. Foucault.

E voltando ao princípio para terminar...

Desde o prefácio de *El concepto de represión* de Bose, assim como a sua biografia e o que é sua obra, dão conta de uma origem “nativa” da psicanálise na Índia, que se expandiu e se aprofundou a partir da correspondência mencionada e com a tradução dos textos de Freud, assim como de outros psicanalistas da época.

Atualmente, pareceria que, por momentos, custa aceitar essa origem. É frequente escutar expressões de surpresa sobre como a psicanálise chegou até a Índia, o que me leva a me perguntar pelas próprias resistências dos psicanalistas à psicanálise.

Eu acredito que podemos sustentar que a psicanálise não chegou até a Índia..., estava ali, como não pode deixar de estar em nenhum lugar onde exista mais de um homem ou uma comunidade. A psicanálise está relacionada com a escuta do inconsciente, e o inconsciente fala e insiste em todas as línguas e enquanto existam sujeitos falantes. Só faz falta (nada mais e nada menos) que alguém possa escutar.

O intrincado nó de prazer e padecer, próprio do existir humano, não é patrimônio exclusivo da psicanálise, ainda que esta tenha sua especificidade, essa escuta do inconsciente que a torna único no momento de trabalhar e desarticular os nós sintomáticos que aprisionam um sujeito no sofrimento e na repetição.

A Índia tem uma *tradição “curandeira”* milenar, encarnada nos rituais dos xamãs, nos ensinamentos dos gurus, nos recitadores de versos e na prática da medicina conhecida como ayurveda, entre outras.

As peripécias do humano parecem ter sido, e ser ainda, albergadas em sua maioria por representantes dessas tradições, e a nossos colegas psicanalistas lhes custa abrir passagem (em algum lugar não custa, me pergunto?) e se debatem com “a ambivalência de ser indiano e psicanalista, na experiência de viver nas margens tanto da cultura indiana como da ocidental”, nas palavras de Sudhir Kakar (1982, p. 10).

Enquanto exista um sujeito que embarque em seu existir – como Buda, a Sra. Moore, a Srta. Quested, o Dr. Aziz – e que chegue a experimentar sua vida como impossível ou à beira do irrealizável, haverá lugar para a psicanálise.

Os prazeres e a angústia em torno do desejo se sentem tanto na Índia como no Rio da Prata.

O que tensiona estas vidas, o conteúdo, é frondoso e variável. Não são iguais as vias do desejo, do amor¹⁰, nem as normas a seguir e os

10. Lembrem-se de que na Índia atual os assuntos de negócios e de casamento são influenciados pelo sistema de castas, assim como coexistem os chamados *casamentos arranjados* junto aos chamados *casamentos por amor*. Ver: *Identity and genesis of caste system in India*, de Ramesh Chandra (2005), e *De animales a dioses*, de Yuval Noah Harari (2017).

ideais a alcançar para um indiano e para um uruguaio ou um holandês. Nem ainda o são no interior de um país ou cidade, ou inclusive em um bairro. Mas a tensão que constrói e na que se constrói um sujeito em relação ao desejo, os ideais e normatividades é um fato de estrutura.

Se algo têm de apaixonantes as correspondências, as passagens, os transbordos é que voltam a nos situar ou nos devolvem a nossa condição de sujeitos do inconsciente, em situação de exílio permanente ou estrangeiridade, reafirmando uma vez mais a extraterritorialidade da psicanálise.

Resumo

A autora se propõe a nos aproximar do contexto de desenvolvimento das ideias psicanalíticas na Índia, partindo de uma visita àquela (não tão) distante margem, e da correspondência entre G. Bose e S. Freud. Cartas de uma novela epistolar ou paixão transferencial sobre a permanente construção de um psicanalista e da psicanálise que contribuem e renovam em sua singularidade, uma rica complexidade na releitura da obra freudiana.

Acompanhada pela literatura e pelo cinema, a autora trabalha chaves de aproximação à psicanálise que se desenvolve naquela região e que, em sua opinião, resultam consubstanciais à experiência analítica mesma e essenciais nos intercâmbios entre colegas e entre as instituições da mesma ou diferentes regiões. Chaves que se sustentam em um falar menos categórico e mais aberto, que mantém e representam o caráter precário da experiência analítica.

Se algo de apaixonantes têm as correspondências, as passagens e os transbordos, é que voltam a nos situar ou nos devolvem a nossa condição de sujeitos do inconsciente em situação de exílio permanente ou estrangeiridade, reafirmando uma vez mais a extraterritorialidade da psicanálise.

Palavras-chave: *Aproximação, Cartas, Cinema, Paixão, Psicanálise, Sujeito do inconsciente.* **Candidato a palavra-chave:** *Extraterritorialidade.*

Abstract

The author seeks to provide context to the development of psychoanalytic ideas in India, from the starting point of a visit to that (not so) distant shore and the correspondence between G. Bose and S. Freud. Letters of an epistolary novel or transferential passion about the on-going construction of a psychoanalyst and of psychoanalysis, that provide and renew, in their singularity, a rich complexity in the rereading of the Freudian work.

Using references to literature and film she deals with key approaches to the psychoanalysis that is developed in that region and,

in her opinion, are consubstantial to the analytical experience itself and essential in the interchanges between colleagues and between institutions of the same and/ or different region. Key aspects that are upheld in a less categorical and more open manner, that maintain and represent the precarious nature of the analytic experience.

Key aspects that point out that if there is something exciting about the correspondences, passages and transfers, it is that they return us to our condition as subjects of the unconscious in a situation of permanent exile or alienation, reaffirming once again the extraterritoriality of psychoanalysis.

Keywords: *Approach, Letters, Cinema, Passion, Psychoanalysis, Subject of the unconscious.* **Candidate to keyword:** *Extraterritoriality.*

Referências

- Arnold, E. (20 de junho 1924). *A passage to India* de E. M. Forster. *The Guardian*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/1924/jun/20/india.fromthearchive>
- Bose, G. (1921). *Concept of repression*. Calcutá: Bose.
- Brabourne, J., Goodwin, R. B. (produtores) e Lean, D. (diretor) (1984). *Passage to India*. Estados Unidos: EMI Films.
- Chandra, R. (2005). *Identity and genesis of caste system in India*. Nova Délí: Kalpaz.
- Costa Picazo, R. (2008). *Hart Crane y el puente: Una aproximación a la poética modernista de Hart Crane*. Buenos Aires: Colihue.
- Forster, E. M. (1994). *A passage to India*. Londres: Penguin Classics. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (1992). El porvenir de una ilusión. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 21, pp. 1-56). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1927).
- Harari, Yuval N. (2017). *De animales a dioses: Breve Historia de la humanidad*. Nova York: Penguin Random House.
- Indian Psychoanalytical Society (1999). *The beginnings of psychoanalysis in India: Bose-Freud correspondence*. Calcutá: Enterprises.
- Kakar, S. (1982). *Shamans, mystics and doctors*. Nova York: Knopf.
- Lacan, J. (2003). Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis. Em J. Lacan, *Escritos I* (pp. 227-310). Buenos Aires: Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (2006a). Sesión del 14 de noviembre de 1962. Em E. Berenguer (trad.), *El seminario de Jacques Lacan, libro 10: La angustia*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1962-1963).
- Lacan, J. (2006b). Sesión del 8 de mayo de 1963. Em E. Berenguer (trad.), *El seminario de Jacques Lacan, libro 10: La angustia*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1962-1963).
- Leclaire, S. (1970). *Psicoanalizar: Un ensayo sobre el orden del inconsciente y la práctica de la letra*. México: Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1968).
- Narayan, R. K. (2003). *El Mahabharata*. Barcelona: Kairós.
- Sontag, S. (2017). *Sobre la fotografía*. Nova York: Penguin Random House.
- Whitman, W. (1983). *Leaves of grass*. Nova York: Bantam Classic. (Trabalho original publicado em 1855).